

## Prefácio

Quando o autor do presente estudo entrou no meu gabinete para discutir qual viria a ser o seu futuro projecto de investigação, estava longe de imaginar quanto eu próprio viria a ganhar na qualidade de acompanhante deste percurso. Desde logo era evidente que tinha perante mim um estudante de pós-graduação que trazia consigo uma pergunta cuja resposta o motivava profundamente. Ora, como dizia Max Weber no seu discurso sobre «Ciência como vocação», «quem não tiver a capacidade de pôr palas nos olhos, por assim dizer, e chegar à noção de que a sorte da sua alma depende da capacidade de fazer a conjectura correcta nesta ou naquela passagem do seu manuscrito, deverá simplesmente afastar-se da ciência. [...] Porque nada é merecedor do homem enquanto homem excepto o que é realizado com devoção apaixonada».<sup>1</sup>

Miguel Chaves tinha-se já iniciado às lides de um bairro que, na altura, assumira nos *mass media* portugueses o estatuto do espaço demonizado por excelência. Tinha-se, aliás, aí iniciado de uma forma inesperada: como monitor de um grupo de teatro para «adolescentes em risco». A pergunta que trazia consigo era: «Como é que estes jovens pensam o futuro das suas vidas?» Tinha percebido já que qualquer resposta a esta pergunta que seguisse as linhas interpretativas fornecidas pelas interpretações sociológicas mais vulgarizadas era insuficiente. Queria, então, perceber mais e melhor.

A minha primeira reacção foi de preocupação pela segurança pessoal do investigador. Com o tempo, porém, foi-se tornando claro que a situação era realmente perigosa, mas que Miguel Chaves possui dotes comunicacionais excepcionais, que lhe permitiram ir ultrapassando uma a uma as barreiras à comunicação e à segurança que um terreno desta natureza levanta.

Finalmente, chegou o dia em que fui eu próprio visitar o bairro, guiado pelas suas mãos. Creio que para os meus companheiros de então (o João Sedas Nunes e a Idalina Conde), tanto quanto para mim, essa manhã passada por aquela encosta constituiu uma lição única sobre Lisboa e sobre a forma como as cidades se criam através de uma sobreposição de margens. A ideia de produzir um nú-

---

<sup>1</sup>Max Weber, 1948 (1919), «Science as vocation», in *From Max Weber: Essays in Sociology*, H. H. Gerth e C. Wright Mills (orgs.), Routledge and Kegan Paul, Londres, p. 135.

mero especial da *Análise Social* (n.º 151, 1999) dedicado a uma exploração da forma como a marginalidade e a centralidade se produzem mutuamente no âmbito da cidade de Lisboa encontrou o seu germe na minha mente a partir dessa experiência.

O meu interesse pela temática foi ainda aumentando quando, à luz do conceito de dominação simbólica, Miguel Chaves começou a questionar o pressuposto da existência de uma «subcultura da delinquência». Este problema vinha inserir-se directamente em debates que tinham surgido no seio da antropologia por relação à forma como as comunidades piscatórias pobres lidam com a sua relativa marginalidade e a sua relativa incapacidade de conformar os modelos de vida familiar hegemonicamente valorizados. Autores estrangeiros tais como Sally Cole<sup>2</sup> ou Jan Brogger<sup>3</sup> tinham abordado estas comunidades como possuindo uma «cultura de resistência contra-hegemónica»<sup>4</sup> que as distingue do *mainstream* cultural que as rodeia. Estas análises revelaram-se insatisfatórias à luz do conhecimento comparativo mais aprofundado que íamos formando da realidade portuguesa<sup>5</sup>. Já o estudo realizado por Inês Salema Meneses e Paulo Mendes<sup>6</sup> de uma comunidade piscatória alentejana mostrava que estávamos perante uma questão da máxima relevância, tanto metodológica como teoricamente, e que a compreensão destas comunidades relativamente marginalizadas exigia um esforço analítico que superasse uma simples dicotomia dominante/dominado.

Na presente obra, Miguel Chaves lança uma proposta altamente inovadora, que creio virá a constituir um marco incontornável na área da sociologia urbana portuguesa – superando algumas das limitações que têm vindo a ser reveladas pelos estudos do desvio, da degradação urbana, da delinquência e do narcotráfico. Partindo de uma análise cuidada das raízes históricas do Casal Ventoso no seio da formação da Lisboa moderna, o autor passa à forma como o bairro se constitui enquanto entidade social auto-referenciada no recurso a estilos de vida identificáveis. Termina, por fim, com a análise do bairro enquanto comunidade enquadrada por uma estrutura de oportunidades ilegais.

O posfácio à obra («Do interior da cidade para a teoria sociológica»), sustentando-se implicitamente no material apresentado, pode ser lido enquanto

---

<sup>2</sup> Cf. João de Pina Cabral, 1991-1992, recensão de *Women of the Praia*, de Sally Cole, *Antropologia Portuguesa*, 9/10, pp. 207-212 (versão inglesa em Man, 1992).

<sup>3</sup> Cf. João de Pina Cabral, 1991, recensão do livro de Jan Bragger *Pre-Bureaucratic Europeans*, Man, n. s. 26 (1), p. 174.

<sup>4</sup> Sally Cole, 1991, *Women of the Praia. Work and Lives in a Portuguese Coastal Community*, Princeton University Press, Princeton, p. 98.

<sup>5</sup> Cf. João de Pina Cabral, 1991, *Os Contextos da Antropologia*, Difel, Lisboa.

<sup>6</sup> Inês Salema Meneses e Paulo Mendes, 1996, *Se o Mar Deixar*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.

---

um comentário à parte. Livre das limitações decorrentes da apresentação de dados empíricos que acompanharam o corpo central da obra, Miguel Chaves tenta aqui responder directamente às questões que inicialmente o tinham trazido para o terreno. Este texto constitui, assim, um contributo teórico definitivo para a discussão da problemática da dominação simbólica e da processualidade da constituição do *self* em contextos de discriminação sócio-cultural.

João de Pina Cabral  
Maio de 1999